

com ela. Diziam que as pessoas daquela rua eram cheias de amargura e tinham números azuis nos braços.¹

Quando o senhor Sasson morreu, Clara acompanhou-o até o túmulo, mas não chorou. Ela acreditou que ele voltava ao seu criador e que não devia ter saudades dele. Myuhas, que viera ao enterro acompanhado de um policial, fugiu no meio da reza e o policial gritou com Clara, dizendo-lhe: “— Você o ajudou!” E embora ela dissesse: “— Não, não”, ele a fitou com ódio, não percebendo que os seus olhos claros acariciavam pela última vez o corpo delicado do senhor Sasson.

No caminho para casa, ocorreram-lhe alguns pensamentos. O primeiro deles era: “Por que Myuhas escolheu justamente o enterro do pai para fugir?” E pensou que talvez ele não quisesse afligir o pai; e teve pena dele. O segundo pensamento de Clara foi: “Por que não veio ao enterro Siona, a noiva de Abrão?” E imaginou então que tudo se fundia para algo único. A alegria à qual se agarrava era como uma consolação e, em seu coração, ela disse: “— Então Myuhas fez alguma coisa e talvez queria que o pai se orgulhasse dele.” E lembrou que, se ela pudesse, também fugiria. No entanto, tinha consciência de que toda sua vida tinha sido uma fuga e que ela não chegara a lugar nenhum. E então pensou que, na verdade, ela nunca escapara de algo profundamente enraizado em algum ponto dentro de si; e que fugir não era chegar, era como ficar no mesmo lugar.

Em sua casa sentou-se e pensou em Borkas. Os sete dias de luto passaram e ela se perguntou: “Será que o senhor Sasson sabia de Borkas?” De noite, foi ao cemitério. Sobre a tumba nova do senhor Sasson havia uma pequena placa com o nome dele, mas ela não sabia ler. Era noite e o vento sussurrava nas árvores. Ela disse: “— Senhor Sasson, companheiro de minha juventude, será que você sabia sobre Borkas?” E o senhor Sasson respondeu: “— Eu sabia, mas sabia o quanto o seu amor era puro.” Ela disse: “— Eu tinha um demônio em mim e ele ainda está em mim.” E o senhor Sasson disse: “— É o seu demônio que faz você tão linda.” E ela disse que não era justo ser bela por causa do demônio, não por causa do anjo Gabriel. O senhor Sasson disse-lhe: “— O Gabriel tem uma barba branca e parece um rabino. Mas os demônios são bonitos e eles têm rostos de anjos; Deus é que é o contrário.” Ela achou que pensamentos tão estranhos não convinham a uma mulher como ela, que não sabia nem ler nem escrever, e voltou para casa, sentou-se entre flores que murchavam nos vasos e sonhou um sonho terrível. No sonho, três homens chegaram para ela e cada um deles lhe disse:

1. Números azuis nos braços — Números de identificação, marcados pelos nazistas nos campos de concentração.

“— Eu sou o pai de teu filho, que você matou com suas próprias mãos.” Os três homens eram: seu velho pai, Schmucl Abuman e Borkas. Este chegou sem cabeça, e suas mãos agarraram-na pelo pescoço até que ela pensou que ia ser estrangulada e acordou gritando.

Schmucl veio para a casa dela e viu os vasos com flores murchas. O ar era abafado e ela estava vestida de preto, olhando a chuva pela janela. Schmucl estendeu-lhe a mão e ela saiu lá fora para colher uma anêmona que deu a ele. O inverno era forte e muitas anêmonas brotavam entre as ruínas: diziam que era o sangue dos árabes que lá haviam morado antes.

Abrão aprendeu a dirigir e tornou-se cobrador de ônibus. No casamento dele, Clara sentiu-se como um convidada indesejada. Eles se mudaram para Guivataim, e Clara achou trabalho com Yolanda, que se parecia com a lacrimosa madona de madeira, de Fiume. Myuhas saiu da prisão e trazia moças para casa. Ele dizia que elas estavam doentes e necessitavam de repouso. De noite costumava vir um médico e lhes fazia coisas, e de manhã elas estavam deitadas como mortas, pintadas, com falsos cabelos, fumando cigarros. Myuhas instalou um banheiro, para que as suas moças pudessem tomar banho. E assim Clara começou a tomar banho todas as manhãs com água fria, mantendo uma aparência viçosa e animada. ‘Engana-Morte’ disse-lhe que aquelas eram amigas dele, mas Clara sabia que elas trabalhavam para ele nos pátios. Ele comprou-lhe um rádio e uma geladeira e um jogo de lençóis de seda. Mas ela odiava ver as moças pintadas na cama de Myuhas, com cigarros na boca e sorrisos zombeteiros, como se ela tivesse vivido à-toa e fosse feita de ar.

* * *

Clara amava Yolanda com um amor de mãe enlutada. Ela queria ter dado à luz Yolanda e legar-lhe os palácios que não tinha. Yolanda falava um hebraico engraçado, e sua voz era como pasta de dentes, mas ela era a coisa mais delicada e misteriosa que Clara encontrara em toda a vida. No fundo do coração, sabia que Yolanda era uma rainha, por isso podia legar-lhe os palácios que não tinha. Yolanda descobriu que Clara gostava de sardinhas e creme de leite; e comprou-lhe sardinhas e creme de leite. Elas sentavam na cozinha como duas irmãs e falavam da vida em geral e nos detalhes. Aya ia ao jardim de infância, e Yolanda ajudava Clara a limpar a casa. Quando Yolanda entrou na cozinha com o Detefon e chorou, veio o sapateiro de gorro de tricô e quis matar Clara com o martelo. Yolanda estava chorando com o Detefon na mão, porque não podia matar as baratas que apareciam de repente de todas as fendas e até da pia. Chorava por não poder matá-las com o Detefon porque as conhecia, porque as via sair das fendas e da pia, e Yolanda não podia matar